

Olho D'água



Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
da UNESP/ São José do Rio Preto

LEITURAS DA MODERNIDADE

v. 3 n.1 Janeiro/Junho 2011
ISSN: 2177-3807

unesp 

OLHO D'ÁGUA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
da UNESP/ São José do Rio Preto

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”

Reitor

Herman J. Cornelius Voorwald

Vice-Reitor

Julio Cezar Durigan

Pró-Reitor de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Diretor do IBILCE

José Roberto Ruggiero

Vice-Diretor do IBILCE

Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira

Coordenador do PPGLetras

Giséle Manganelli Fernandes

Vice-Coordenadora do PPGLetras

Susanna Busato

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "Júlio de Mesquita Filho"

OLHO D'ÁGUA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
da UNESP/ São José do Rio Preto

ISSN: 2177-3807

Olho d'água	São José do Rio Preto	v. 3	n. 1	p. 1-190	jan./jul. 2011
-------------	-----------------------	------	------	----------	----------------

SUMÁRIO / CONTENTS

APRESENTAÇÃO

Leituras da Modernidade

Readings of Modernity

Flávia Nascimento; Márcio Scheel 08

ARTIGOS / CONTRIBUTIONS

Da cidade moderna à megalópole pós-moderna: novos lugares,
novas práticas espaciais e textuais

From Modern City to Post-Modern Megalopolis: new places, new space and textual practices

Sérgio Roberto Massagli 11

O passado no presente: João Gilberto Noll, leitor de Álvares de Azevedo

Past in Present: João Gilberto Noll as a Reader of Álvares de Azevedo

Maria Cláudia Rodrigues Alves 29

Romance português à deriva: Raul Brandão e *Os Operários*

Drifting Portuguese Novel: Raul Brandão and Os Operários

Mágna Tânia Secchi Pierini 49

A saga dos seres retalhados: impasses auráticos e representação
desviante na *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes

The shredded beings' saga: auratic impasses and deviant representation

in Pornopopéia by Reinaldo Moraes

Ravel Giordano Paz 67

Em busca de uma poética Pirandelliana

In Search of a Pirandellian Poetic

Sonia Pascolati 89

Tradição, modernidade e modernismo na lírica portuguesa

Tradition, Modernity and Modernism in Portuguese Lyricism

Maria Lúcia Outeiro Fernandes 107

Passado recente: a "Geração 70" revisitada

Recent Past: the "70's Generation Revisited

Helena Bonito Couto Pereira 128

Topoi e grafias do corpo na Modernidade: Antonin Artaud e a persistência
na vida contra a apropriação do corpo genealógico

Topoi and Writings of the Body in Modernity: Antonin Artaud and the Persistence

in Life against Genealogy Appropriation

Lígia Maria Winter 140

A bifurcação do eu antuniano: o eu e outros infernais

The Antunian's Self Parting: the Infernal Self and Others

Andréia Régia Nogueira do Rego 152

A estética brasileira na Espanha: transformações a partir dos anos 80 <i>The Brazilian Aesthetic in Spain: transformations from the 80's</i> Lucilene Machado Garcia Arf	161
Os homens livres pobres e o processo da violência <i>The Poor Free Men and the Process of Violence</i> Fernando Cerisara Gil	170

DEPOIMENTO

Apontamentos sobre recepção brasileira de <i>Teoria da Vanguarda</i> , de Peter Burke <i>Notes on Brazilian Reception of Peter Burke's Theory of the Avant-Garde</i> José Pedro Antunes	177
---	-----

ÍNDICE DE ASSUNTOS	184
---------------------------------	-----

SUBJECT INDEX	185
----------------------------	-----

ÍNDICE DE AUTORES / AUTHORS INDEX	186
--	-----

NORMAS DE PUBLICAÇÃO	187
-----------------------------------	-----

POLICY FOR SUBMITTING PAPERS	189
---	-----

APRESENTAÇÃO

Leituras da Modernidade

Ao abordar as diferenças entre modernismo e modernidade, em seu *Introdução à modernidade* (1969), Henri Lefebvre sugere que o primeiro é um acontecimento sociológico e ideológico, que se deixa flagrar "*in statu nascendi*, com suas pretensões e seus projetos fantasiosos" (LEFEBVRE, 1969, p. 4), ao passo que a modernidade seria "ao contrário, uma reflexão principiante, um esboço mais ou menos adiantado de crítica e de autocrítica, numa tentativa de conhecimento", sendo que, desse modo, ela só pode ser alcançada "numa série de textos e de documentos que trazem a marca de sua época e entretanto ultrapassam a incitação da moda e a excitação da novidade" (LEFEBVRE, idem, ibidem). Isso significa que um dos caracteres mais singulares da modernidade é o fato de que ela não se deixa reduzir a uma definição mais ou menos objetiva e que o próprio conceito deriva sua complexidade não só de grandes e distintos autores, como Kant ou Schlegel, Hegel ou Marx, Baudelaire ou Nietzsche, Paz ou Calinescu, por exemplo, mas de formas de pensamento diferentes: da estética à teoria da literatura, da filosofia à história ou às ciências sociais.

Sendo assim, mais do que evidenciar as diferenças de leitura e interpretação que se faz da modernidade em distintos campos do saber humano, é preciso também compreender as principais convergências e divergências que gravitam em torno do conceito de modernidade em distintas formas de pensamento, épocas, períodos literários e movimentos estéticos. Se a modernidade literária principia, de forma mais ou menos consciente, com Baudelaire (embora o substantivo tenha aparecido anteriormente, em Balzac, em 1823), se ela ganha seus contornos em França, Inglaterra e Alemanha, se ela é romântica, realista, simbolista e de vanguarda, se seus desdobramentos são políticos, estéticos e ideológicos, atravessando o século XIX e mantendo-se até hoje nos mais importantes horizontes de reflexão das Ciências Humanas, isso deve-se, em grande parte, ao fato de que a modernidade, apesar das tensões e contradições que fez circular, elevou o pensamento à uma espécie de Idade da Razão cujo elemento fundamental é a emergência da Crítica como forma privilegiada de conhecimento.

A modernidade é também esse momento no qual se concebe uma tradição crítico-teórica, sobretudo no espaço da crítica literária, estética e cultural, não perdendo de vista que o que chamamos de modernidade, sobretudo na literatura, é um exercício de *leituras*: múltiplas, distintas, conflitantes. Desse modo, por exemplo, podemos afirmar que o conceito de escritura, como Barthes o formulou, é bastante tributário das teorias e das posições críticas de Novalis, Schlegel ou Baudelaire, que se encontram nas origens do pensamento estético moderno. Essa é a natureza decisivamente crítica da modernidade, ou seja, o fato de que, a partir dela, o pensamento, a arte e a literatura e, conseqüentemente, suas manifestações como textualidade (ou escritura), incorporam, agora de forma indissociável e seminal, uma reflexão sobre seus próprios fundamentos. Assim, a modernidade seria esse momento historicamente autoconsciente, que coloca em jogo os limites, impasses e tensões que cercam a produção estética, crítica e teórica.

Por isso, os artigos que compõem o presente número da **Revista Olho d'água** dedicam-se a resgatar, ampliar e colocar em evidência esse profícuo

debate acerca da modernidade, da literatura moderna e de suas práticas textuais, críticas e ideológicas, bem como de suas heranças, desdobramentos e inegável permanência em nossa contemporaneidade.

Assim, no artigo "Da Cidade Moderna à Megalópole Pós-Moderna: Novos Lugares, Novas Práticas Espaciais e Textuais", Sérgio Roberto Massagli analisa, a partir da leitura de Baudelaire feita por Walter Benjamin, a constituição do *flâneur* como observador privilegiado da vida moderna e da flânerie como meio de apreensão e representação do, então, novo mundo criado na e pela cidade grande. Por sua vez, Maria Cláudia Rodrigues Alves resgata, em "O Passado no Presente: João Gilberto Noll, Leitor de Álvares de Azevedo", alguns aspectos significativos da poética de Álvares de Azevedo e pensa seus desdobramentos, por meio da noção de intertexto, na narrativa contemporânea brasileira, ao refletir acerca do romance juvenil *Anjo das ondas*, de João Gilberto Noll.

Em "Romance Português à Deriva: Raul Brandão e *Os Operários*", Mágnia Tânia Secchi Pierini reflete sobre o gênero romanesco em Portugal no contexto da modernidade e analisa o romance *Os Operários*, de Raul Brandão, pensando de que forma suas narrativas deixam à contemporaneidade certos traços de estilo que podem ser identificados, sobretudo, no lirismo que caracterizou sua obra. Desse modo, temos, novamente, a modernidade operando a partir de desdobramentos e inter-relações estéticas firmadas entre autores de diferentes épocas. A relação entre determinados aspectos da modernidade baudelairiana do século XIX e a literatura contemporânea aparece, por sua vez, no artigo "A Saga dos Seres Retalhados: Impasses Auráticos e Representação Desviante na *Pornopopéia* de Reinaldo Moraes", de Ravel Giordano Paz, em que o crítico explora, com base no conceito de aura de Walter Benjamin, o romance *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes, lendo-o como um corpo-escritura marcado pelo embate com as demandas e impasses do desejo, tão presente e decisivo no universo das relações atuais.

No artigo "Em Busca de uma Poética Pirandelliana", Sonia Pascolati identifica, nas características da poética de Luigi Pirandello, elementos fundamentais para a compreensão da modernidade teatral no século XX, analisando peças marcadas pela metateatralidade, permitindo compreender de que modo a autoconsciência crítica da modernidade se realizará na estética teatral de Pirandello, elevando o teatro ao limite da autoreflexividade. Já em "Tradição, Modernidade e Modernismo na Lírica Portuguesa", Maria Lúcia Outeiro Fernandes analisa tensões características da lírica portuguesa moderna, abordando-a com base na obra de alguns de seus grandes expoentes como Antero de Quental, pensando de que forma o projeto da Geração 70 será redimensionado pela Geração de Orfeu e os modernistas.

Do mesmo modo, no que diz respeito à revisão de projetos literários, o artigo de Helena Bonito Couto Pereira, intitulado "Passado Recente: A "Geração 70" Revisitada", também se propõe a pensar, mas na dimensão de nosso passado literário recente, as relações entre o romance contemporâneo *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Zero*, de Ignacio de Loyola Brandão, marco da narrativa experimental brasileira dos anos de 1970. Por sua vez, "Topoi e Grafias do Corpo na Modernidade: Antonin Artaud e a Persistência na Vida Contra a Apropriação do Corpo Genealógico", de Lígia Maria Winter, discute a relação entre Modernidade e discursos topológicos marcados por tensões políticas, sobretudo aquelas que dizem respeito às chamadas escritas do corpo e seu campo de manifestações literárias. De certo modo, o contexto político tenso e suas implicações sobre o discurso narrativo também podem ser entrevistados no artigo "A Bifurcação do Eu Antuniano: O Eu e Outros Infernais", de Andréia Régio

Nogueira do Rego, no qual a autora analisa os romances *Os cus de Judas*, *Fado Alexandrino* e *Exortação aos crocodilos*, de António Lobo Antunes, demonstrando que, em tenso diálogo com um contexto autoritário, os sentimentos de vazio e de ausência constituem tanto a vivência das personagens como o próprio espaço da escrita literária, marcado pela fragmentariedade.

Lucilene Machado Garcia Arf, em "A Estética Brasileira na Espanha: Transformações a Partir dos Anos 80", reflete sobre as circunstâncias históricas que permitiram a incorporação de novos autores brasileiros no contexto espanhol, ampliando, simultaneamente, o horizonte estético e seu campo de estudos. Já Fernando Cerisara Gil, com "Os Homens Livres Pobres e o Processo da Violência", estuda a presença do homem livre pobre no romance rural e sua representação como personagem que transita conflitivamente entre a condição de herói e a de dependente social. Por fim, o artigo de José Pedro Antunes, "Apontamentos Sobre a Recepção Brasileira de *Teoria da Vanguarda*", que compõe a seção Depoimento, dedica-se a articular a experiência tradutória da obra de Peter Bürger, *Teoria da Vanguarda*, realizada pela próprio José Pedro Antunes, com um breve mapeamento da recepção que o livro obteve em nosso país depois da primeira edição de sua tradução brasileira.

Flávia Nascimento e Márcio Scheel

UNESP – São José do Rio Preto